

Ricardo Carvalho Calero, Gallaecia Magna

José Luís Rodríguez
Universidade de
Santiago de Compostela

Queria principiar as minhas palabras saudando a oportunidade do Congreso, o primeiro dedicado na íntegra a analizar a obra e o pensamento de Ricardo Carvalho Calero, congreso colocado polos organizadores, cremos que propositadamente, a seguir o de Castela, que foi celebrado, se non estamos en erro, há exactamente un ano. Outra entidade corunhesa, o Facho, já dedicara a D. Ricardo unha pequena mas emotiva homenagem en 1982 e unha segunda “urgente” recém falecido. Também o fillo a Sociedade Cultural Medúlio de Ferrol, en 1981 (con textos publicados en 1982). Agora começa a ser a Universidade, e amanhã serán as mais altas instancias da nosa comunidade a reclamarem-se de “carvalhanas”. E é que Carvalho Calero é unha figura fundamental do século XX galego, pola intensidade e a abrangência da súa obra, unha obra de escritor multifacetado, de historiador e crítico literario, de lingüista en sentido amplo, e aínda de pensador sobre a nosa identidade colectiva. Bemvindo seja este Simpósio para situar Carvalho num lugar de máxima centralidade na nosa cultura. Este ano carvalhano, que conta já com os *Estudos dedicados a Carvalho Calero*, editados conjuntamente polo Parlamento da Galiza e a Universidade de Santiago, continua e adensa-se agora com os trabalhos que os diversos ponentes deste Encontro vam desenvolver ao longo deste e dos próximos dias. Bons frutos, desejamos, para remediar a nosa voracidade intelectual. “Bonis avibus!”. Com os melhores auspícios!

Porém, antes de principiar de facto, deixem-me antecipar-lhes que a tarefa que me foi encomendada, a de abrir o Simpósio com esta palestra, supom para mim unha subida mas imerecida honra, e non sei se tingida de unha certa “aderência”, nome com que Duarte Nunes de Leão qualificava um mal da sociedade do seu tempo consistente em non praticar uma justiça distributiva, acorde com os merecimentos. Se

nom fosse assim (em todo o caso eu “adiro” de boa vontade aos organizadores) estaria a valorizar-se na minha escolha a *circunstância* de ter sido aluno de D. Ricardo, tanto durante os meus estudos académicos, como depois (particularmente desde 1975-1976), e de me ter mantido sempre na sua *proximidade*, noutro tipo de “aderência”. A “circunstância” da sua *docência* e da minha *discência*, como vem, foi para mim decisiva, e ainda hoje a valorizo, para além de enriquecedora, do ponto de vista intelectual e afectivo, como inesquecivelmente prazenteira.

Como foi igualmente decisiva a ligação de D. Ricardo a Santiago e à sua Universidade, a *alma mater* galaica, a sua casa natural, a sua “maior intelectual”. Na sua longa e fértil vida, podemos destacar, de acordo com a imagem projectada, três momentos, perfeitamente ligáveis entre si, sem qualquer sinal de ruptura, entre 1926 em que chega a Santiago, à Universidade; 1965 em que, proveniente de Lugo, se incorpora a ela como professor; e 1980, ano em que se jubila, sem ficar intelectualmente desligado da mesma, nem da cidade, Compostela, a nossa *urbs* eterna, última morada vital até 1990, em que passa a acolhê-lo no seu sonho sem fim.

A) Primeiro momento

Nesse primeiro momento achamos um promissor jovem de 16 anos com o espanhol como idioma dominante na sua actividade pública (1928, *Trinitarias*, poesia em espanhol; a conferência “En torno a las ideas políticas de Platón”, 1929), mas já com o galego, sempre presente nele, a converter-se em eixo da sua vida, ganhando definitivamente o seu coração. Para além de realizar o 1º curso comum a Filosofia e Letras e a Direito (1926-1927), entra no Seminário de Estudos Galegos (1927), que tanto o havia de marcar (ele próprio se situa na “geração do Seminário”), e em 1928 enceta a sua colaboração na revista *Nós*, com um poema intitulado, quase que simbolicamente, “Deus”; em 1931 *Vieiros*, livro de poesia galega, e *O silencio axionllado*, em 1934, cercam e duplicam a produção em espanhol de *La soledad confusa* (1932); elabora ainda, com Luís Tobio, o 1º Anteprojecto de Estatuto de Autonomia para Galiza; preside a F.U.E., afilia-se ao Partido Galeguista...; enfim, conforma-se nas suas traves mestras um promissor intelectual galeguista e nacionalista, formado em Direito e em Filosofia e Letras com 26 anos (1936), profundamente interessado pola literatura e pola língua, pola cultura e pola política do País, alguns de cujos momentos históricos protagoniza,



apesar da sua juventude. Um jovem brilhante chamado, destinado, na aparência, às mais altas empresas. Mas surge a Guerra Civil, a “grande prova”, com ele lhe chamou, que com o seu negro impacto torce os passos imediatos da Pátria e dos seus mais dedicados filhos...

B) Segundo momento

Após um longo interregno, particularmente até 1950 (em que se incorpora como director ao colégio Fingoi de Lugo), entregado a um “honesto estudo com longa experiência misturado”, no dizer do Poeta, estudo enormemente fértil, que produz, na prodigiosa década de 50 e inícios de sessenta, *Anxo da terra* (1950), *A Xente da Barreira* (1951), *Poemas pendurados dun cabelo* (1952), umha tese de doutoramento (1954), a qual está na base de *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea* (1955), e de *Sete poetas galegos* (1955); o ingresso na Academia Galega (1958)..., enfim, a publicação da absolutamente determinante *Historia da literatura galega contemporánea* (1963), ao mesmo tempo que assiste à fundação da Editorial Galaxia e ampara o seu incipiente caminhar com valiosas publicações, e se projecta no suplemente sabatino de *La Noche...*; após todo isso e mais, Carvalho chega, enfim, à Universidade. O autor que acede modestamente à *sancta sanctorum* dos Estudos como encarregado de curso (1965-66), e com um soldo indigno, conhecido só de uns poucos, seria toda umha celebridade num País “normal”, quer dizer, em qualquer país normalizado. Carvalho ingressa na sua Grande Casa perfeitamente preparado para o desafio da sua vida: o de dignificar o galego no meio universitário onde ia jogar-se o seu imediato futuro, desprovido, nesse momento inaugural, de apoio bibliográfico sério que nom da fosse da sua própria lavra. Assim, obriga-se a publicar umha *Gramática elemental del gallego común* (1966), para, além de material docente, procurar projecção universitária e românica para o nosso idioma, que tanto precisava. A Cátedra de Linguística e Literatura Galega que obtém por concurso, em 1972, nom provém de qualquer hipotética “aderência”, política ou administrativa. Havia muito que todos os galegos “bons e generosos”, conhecedores do seu descomunal esforço, lha tinham outorgado “in imo pectore”...

Sem afrouxar a dedicação universitária, Carvalho continua e, se cabe, intensifica a vertente criadora e investigadora. A língua, a planificação do córpus sobretudo, revela-se-lhe como fulcral. Do mesmo 1972 é “A linha do galego literário” (*Grial*, nº 36), trabalho, entre muitos outros de carácter filológico, técnico ou pontual, em que o autor se interroga

sobre os caminhos da língua culta, embora já com anterioridade tivesse roçado o tema. No mesmo ano, e na mesma revista (nº 38), há umha nota em que recepciona a poesia de Fernando Pessoa.

Entretanto em 1973 Manuel Rodrigues Lapa, “o ilustre galego de Anadia”, publicava na lisboeta *Colóquio/Letras*¹, “A recuperação literária do galego”, reproduzido a seguir em *Grial*, nº 41, trabalho recebido nos meios universitários compostelanos com um certo ar de suficiênciã, quase insultante, e em silêncio, aparentemente, por D. Ricardo. Polo menos, eu é assim que o lembro. Em 1974, sai à luz “La constitución del gallego como lengua escrita”, no nº 1 da revista *Verba* (em que se refere às fases percorridas no difícil caminhar para a gestaçom de um *standard* galego: *dialectalismo*, *interdialectalismo*, *supradialectalismo*, indiscutíveis, polo menos, como passos teóricos; a meu ver, haveria que postular umha última fase: a reintegracionista). Em 1975, aparece em *La Voz de Galicia* (10 de Agosto), o artigo “Galego-portugués ou galego-castelán”, em que apresenta já em termos antagónicos, e para o grande público, o autêntico dilema. Em 1976, “Sobre el uso literario de la palabra esgrevio”, em *Verba*, nº 3 (mais umha vez em castelhano nesta revista, por motivos digamos ‘domésticos’, atinentes afinal à concepçom do idioma), explicita, num ponto concreto do léxico, o elevado grau de artificialidade do galego literário da altura.

Entramos assim num terceiro momento...

C) Terceiro momento

Em 1977, no «limiar» de *Alén*, livro de estreia de X. R. Pena, M. Mato e F. Salinas Portugal, alunos universitários nesses anos, acompanha a entom inovadora grafia dos autores, que utilizavam os dígrafos nh e lh, em lugar de ll e ñ, com igual prática ortográfica. “*Eu sempre gostei dessas cousas*”, comentou-me bem-humorado à minha surpreendida e evidente pergunta. Começa o período de escrita propriamente *reintegracionista*², embora amiudada com textos, se bem que reintegracionistas, graficamente mais conservadores, por o autor estar sempre atento à receptividade social num país maioritariamente ágrafo na sua própria língua, e daqui as *Normas* da Comissom de Lingüística, por ele presidida, da Junta pré-autonómica (publicadas em 1980), que pretendia serem de transiçom para o reintegracionismo... Carvalho (ainda “Carballo”) publica em Lisboa, na Sá da Costa, o livro *Problemas da língua galega* (1981), em norma ortográfica reintegrada,

¹ Depois, em *Estudos Galego-Portugueses*. Lisboa, Sá da Costa, 1979, pp. 53-65.

² Por mais que definir a «prática reintegracionista» seja sempre relativo com vista a um referentepositor, num plano teórico parece-nos que a escolha no plano ortográfico de *lh* e *nh* para marcar as palatais, simbólicas do espaço lingüístico ocidental, frente a *ll* e, sobretudo, *ñ*, emblemas do castelhano-espanhol, pode constituir umha marca qualitativa altamente identificadora.



novidade que explica polo “desejo de nom provocar dificultades de imprensa e de lectura na terra em que sai do prelo”. No entanto, em 1983 é publicado na terra de aquém *A fala e a escrita*, na mesma normativa do volume anterior (as *Normas ILG-RAG*³, em que Carvalhou nom participou, som de 1982), e no ano seguinte, 1984, *Letras galegas*, assim como *Cantigas de amigo e outros poemas* (em 1986) ou o romance *Scórpio* (1987), numha verdadeira catadupa produtiva, teórica e prática, de fundamentaçom, explicitaçom e execuçom do reintegracionismo, que nom ia cessar até ao falecimento (*Reticências*, livro de poemas, de 1990, é já póstumo). Etapa, esta última, com preocupaçom, mais que universitária, galega em geral, e nom só polo presente, mas sobretudo polo futuro da língua da sua terra, que se intensificaria ainda após a sua reforma da Universidade em 1980, num clima de incompreensom e marginalizaçom por parte dos seus antigos pares que amargurou, ou polo menos enevou (podo testemunhá-lo), muitos dos seus derradeiros momentos, mas que nom o afastou ou abalou das suas convicçoms cada vez mais sólidas e fundamentadas.

“*Eu sempre gostei dessas cousas*”. Com efeito, a evoluçom de Carvalho, a ser coerente consigo mesmo como indubitavelmente o foi, nom podia efectuar-se de outra maneira. Remontando-nos atrás: qual podia ser a concepçom inicial do galego no jovem Carvalho Calero universitário em Compostela? Obviamente a das Irmandades da Fala, a do Seminário de Estudos Galegos, a da revista *Nós*, em cujo clima nom discrepante foi educado, no galeguismo e no nacionalismo. As circunstâncias e as instituiçoms do pré-guerra nom permitirom à sua geraçom umha formaçom lingüística especializada, nem a Galiza contava com mestres da craveira de José Leite de Vasconcelos ou de Ramón Menéndez Pidal, ainda que chegassem alguns ecos de um e de outro, sempre valiosos por mais que diversos no matiz; alguns, até, que tinham preparaçom (como Vicente Garcia de Diego ou Armando Cotarelo Valledor) estavam a residir fora da Galiza nessa altura. Nom obstante, o sentir generalizado nos meios intelectuais e políticos da época era o da unidade lingüística galego-portuguesa, unidade na diversidade, reconhecível apesar das mobilidades ortográficas habituais, entre os próprios galegos, entre os próprios portugueses, entre uns e outros. Reformas ortográficas futuras esperava-se que resolvessem o problema técnico, pois existia vontade “política” de o acometer. Em resposta a umha sugestom de Manuel Rodrigues Lapa, surgida numha célebre conferência (“A política do idioma e as Universidades”), que se reproduziu nas páginas da revista *Seara Nova*, em 1933, na recensom nom assinada da mesma na revista *Nós* (cujos

³ Instituto da Língua Galega - Real Academia Galega.

directores eram Vicente Risco e Afonso R. Castelao), nº 115, de Julho do mesmo ano, escreve-se:

Nós, que de cote se ten preocupado pol-a colaboración espiritual de portugueses e galegos, non pode por menos de acoller con entusiasmo as iniciativas do Dr. Rodriguez Lapa, mesmo na ideia qu'apunta d'un acordo luso-galaico pra reforma ortográfica, pra nos tan indispensábele

Que o “*entusiasmo*” nom era insincero nem pontual, demonstraria-o ainda Castelao em 1944, quando, seis anos antes da sua morte, envia a sua conhecida carta-resposta a Claudio Sánchez-Albornoz, explicitando: “Deseo además, que el gallego se acerque y confunda con el portugués, de modo que tuviésemos así dos idiomas extensos y útiles”, acercamento e confusom, que D. Ricardo anos mais tarde (1987) interpretaria como de incorporaçom e funcionamento do galego dentro do sistema comum sem deixar de ser galego, isto é, com as suas peculiaridades mais salientáveis. Interpretaçom correcta, decerto, porque era, aliás, como entendia o processo Villar Ponte, outro prócer do galeguismo, em cujo programa nacionalista se postulava “chegar axiña á maor unificación posíbel, *sin mágoa do enxebre*, entre o noso idioma e o portugués”, este considerado, aliás, como “o galego nazonalizado e modernizado” (1971: 211).

Existem, pois, poucas dúvidas de que no programa político-cultural do nacionalismo de pré-guerra (e até no testamento, *Sempre en Galiza*, do seu mítico representante), a aproximaçom, mesmo ortográfica, luso-galaica era um objectivo tam “*indispensábele*” como urgente, um objectivo, polas suas positivas repercussions, irrenunciável, em todo o caso.

Esta interpretaçom alargada do nosso idioma provinha de óbvias bases lingüísticas, mais sentidas que racionalizadas, mas também era congruente com raízes culturais e até com concretos desenhos histórico-políticos. Ela pretendia, e conseguia de alguma maneira, ligar a Galiza contemporânea com a Galiza histórica de um D. Garcia, prefigurada, *grosso modo*, já no reino dos Suevos. Umha Galiza extensa, uma Gallaecia Magna, que o lusitanista alemám, Joseph-Maria Piel, utilizando elementos léxicos e toponímicos, estende por fronteiras parecidas às citadas, polo menos nos seus contornos mais ocidentais. O idioma constituía-se, e constitui-se, assim, como fio condutor entre passado e presente, elemento de ligaçom entre o solo galaico-hispano e o galaico-lusitano; factor substancial na configuraçom da naçom e garantia da sua permanência.



Tal concepção do idioma como elemento nuclear da nação vemos-la bem em Castelao e em Otero Pedrayo, mas já vinha pelo menos de Murguía, o qual, no discurso dos jogos florais de Tui de 1891, não só afirmava a projecção para o sul da nossa língua, como também esteava nela o princípio sustentador da nacionalidade:

O gallego, en fin, que é o que nos dá dereito á enteira posesión da terra en que fomos nados; que nos di que pois somos un povo distinto debemos selo.

A este respeito, som elucidativas as observações de Carvalho, num texto de 1988, a propósito de “A ideia da Galiza em Otero Pedrayo” (*Agália*, nº 16), pois Galiza é também o tema central da obra científica e literária do grande autor ourensano. A Galiza ideal, para Otero Pedrayo, não era a das quatro províncias actuais empequenecidas por Francisco Javier de Burgos em 1833, mas a Galiza histórica, que extravasa as fronteiras administrativas em direcção ao Leste e ao Sul. Essa Galiza-nação tem como notas fundamentais, na visom oteriana, a língua, juntamente com o solo. Para Otero, “A língua é o primeiro, é como o signo sacramental da nacionalidade”, até onde chega a língua chega também a nação, sendo a língua ao mesmo tempo base determinante da cultura. O galego aparece assim como língua de um espaço e uma cultura galaico-interamnenses, que assimilou a antiga Lusitânia ainda que ficando nela algumas marcas diferenciais...

Para Castelao, os elementos nacionalitários da nação galega, que passaram todos a Portugal, resumem-se na seguinte frase, do *Sempre en Galiza* (1944: 53): “Galiza ten todol-os atributos d-unha verdadeira nacionalidade: idioma, terra, economía, e cultura”, acrescentando, noutras páginas, alguns mais, como a etnia/raça, a história e a vontade (Varela Punhal, 2001: 1013).

Castelao, e Otero, aceitavam contodo que a sua nação ideal fosse só uma pátria cultural. Pátria cultural cindida em dous Estados que poderiam vir a encontrar-se numa futura federação ou confederação hispânica, que apagasse, isto sim, as artificiais fronteiras do Minho (“¿e logo os da veira d’aló son máis extranxeiros que os de Madri?”), permitisse a comunicação “por riba dos carabineiros e dos guardiñas”⁴, e evitasse de vez a «extrapolação grosseira», que diria D. Ricardo, do campo político para o campo lingüístico.

⁴ Os galeguistas “queríamos alas para voar e comunicarnos con vós, por riba do Miño, por riba dos carabineiros e dos guardiñas” (Alfonso R. Castelao e Ramón Suárez Picallo, “Carta a Oliveira Salazar, dictador de Portugal”, em *Nova Galiza*, nº 2, 20-04-1937).

Na perspectiva de Carvalho, a nação não vai indissoluvelmente ligada à língua; uma nação é para ele, na linha de Renan, “um plebiscito eternamente renovado, continuamente renovado”, como sublinha nas

Conversas com C. Blanco (1989: 50). Prefere à visom essencial de Otero umha visom funcional, invocando um elemento já presente em Castelao, o da vontade, embora reconheça que para alertar e reforçar as próprias marcas culturais, quer dizer, o próprio sentimento de nacionalidade, a língua é umha arma insuperável. No início de umha conferência “Sobre a nosa lingua”, revisitada⁵, se bem lembrando que:

as linguas, como as nacións, non son unidades naturais, senon culturais, suxeitas, polo tanto, aos ritmos e fluencias da historia

conclui, no seu remate:

O idioma é a alma dunha nación, e confio en que seremos moitos os galegos que nos negaríamos a admitir unha Galiza desalmada

pois, como reconhece em artigo de 1984, com que abre o livro póstumo *Do galego e da Galiza* (1990):

No caso galego, o idioma apresenta (...) um valor de peculiar significaçom, enquanto é síntese, símbolo e reflexo da identidade do povo que o criou, sacramento - diríamos selo e carimbo da nacionalidade.

As ideias de Carvalho som as de Castelao, neste ponto diríamos que actualizadas. Quanto à dimensom transgalaica do idioma, as suas opinions, como tem afirmado várias vezes, som as de Menéndez Pidal, no que respeita à configuraçom da Península em três grandes romaños, e as de Castelao, no plano político-lingüístico: “todo o mundo sabe que eu professo em matéria de Política Linguística as ideias tradicionais, as ideias de Castelão”, manifesta com orgulho D. Ricardo, em entrevista de Ramon Reimunde (1987: 17-18).

“Eu sempre gostei dessas cousas”

E como nom ia gostar? Nom se renuncia, nom renuncia um home como Carvalho Calero, aos ideais que nos impelem na juventude; antes fundamentam-se, alicerçam-se com a passagem dos anos, adaptam-se ao contexto possível, sem os descaracterizar, e no momento conveniente, cõscios da sua bondade intrínseca, retomam-se. Assim, nas *Conversas com C. Blanco* (1989: 50), confessa-nos:

sempre me sentin galego e galego-falante (...). Entón eu estiven sempre disposto a assimilar unha doutrina galeguista articulada e cando cheguei a Santiago e me puxen en contacto co Seminario de Estudos Galegos non me convertin ao galeguismo, senon que perfeicionei a miña conciencia de galego e fun fiel toda a miña vida a aqueles principios, e, através da miña obra literaria, como através da miña obra docente, tratei de realizalos.

5 Conferência que foi proferida no auditório da Caixa de Aforros Municipal de Vigo, entidade que a publicou (1980), mas que já fora pronunciada em 1979 na Corunha, dada à luz em *Grial*, 64 (Abril-Junho 1979), e até inserida em *Problemas da Língua Galega* (Lisboa, Sá da Costa, 1981) no início do volume. Seguimos o texto de 1980 por se encontrar só nessa reproduçom, entre as mínimas variaçõs textuais efectuadas (marcas de oralidade, alguma supressom ou acréscimo...) o segundo dos passos que citamos.



Carvalho, após o entusiasmo um pouco amadorista dos tempos do Seminário de Estudos Galegos, já na década de 40 projecta um foco de renovadora luz, num exercício de intenso autodidactismo, sobre literatura galega (teoria, história e crítica), que se alarga, com brilho impensado, para a “filologia lingüística” na década de 60, *ad portas Universitatis*. Carvalho, fator da normativa académica do momento, transige com a ortografia espanhola na altura inevitável, sem no entanto comprometer o futuro com propostas precipitadas ou isoladoras a respeito do outro “galego”, o de além-Minho. Carvalho, com o galego reconhecido como co-oficial e implantado no ensino, recoloca o programa recuperacionista, progressivo mas inequívoco, para dar corpo aos anseios galeguistas de pré-guerra... Onde está a incoerência que alguns lhe imputam?

Com ideias próprias bem nítidas, pois, já antes de Rodrigues Lapa e outros levantarem a “questom da língua” na década de 70, Carvalho, no artigo “Sobre os dialectos do galego” (*Grial*, 23, 1969), nom deixava de manifestar:

Desde un punto de vista propriamente filolóxico, inda hoxe debemos falar de galego-portugués. Galego e portugués modernos non son senón dúas ponlas do vello tronco común, o romance medieval bifurcado ao xeito dunha oliveira

E ainda que nom entrasse, num primeiro momento, na polémica originada por Rodrigues Lapa e Ramon Pinheiro, nom deixa de salientar em 1977 (“Murguia contra Valera”, *Grial*, 55, p. 105):

Polo que se refire ao problema da lingua literaria, non creemos que esistan máis que dúas solucións viábeis. Ou o galego cede definitivamente ao castelán, aproximándose a el ata constituírse nun dialecto galego-castelán, ou regresa ás súas fontes, restabelecendo o contacto cos seus dialectos, e adquirindo a forma dun dialecto galego-portugués. Unha terceira vía, a dun galego descastelanizado e deslusitanizado ao mesmo tempo, seméllanos unha via morta

Pensamento fulcral, reiterado com mais contundência na didáctica formulaçom seguinte, da conferência/artigo “Sobre a nosa lingua”, de 1979 (*Grial*, 64), em que contrapom «ocidentalismo» vs. «centralismo» lingüísticos:

O galego ou é galego-portugués ou é galego-castelán. Ou somos unha forma do sistema occidental ou somos umha forma do sistema central. Non hai outra alternativa. Un galego en oposición á vez ao portugués e ao castelán é imposíbel. Un enano non pode loitar con dous xigantes que cruzan os seus fogos.

Porque “Nom estamos sós” (1978), e porque, para ganhar o futuro, “um futuro para a língua” (Montero Santalha 1993: 183), devemos acabar com “Umha história clínica” (1983), o que nom é impossível porque as línguas som entidades sociais e culturais, e porque «nom estamos sós», cumpre rectificar um rumbo absurdo, antinatural e, o que é pior, suicida. Importa, isto sim, nom confundindo os passos, acertar o ritmo da caminhada, mas começar já a caminhar (“ao meu xuízo xa chegou o momento de utilizar unha ortografía que non sexa prestada”, opinava em 1989 perante C. Blanco; o pensamento, porém, é muito anterior). À objecçom dos custos que pode supor a reunificaçom, em concreto o maior esforço de umha acentuaçom, de umha ortografia, nom baseada na espanhola, responde com ironia e umha ponta de acidez:

é evidente. Mais se por este motivo se me di que adoptemos a ortografía castellana para o galego, argüirei que por ese camiño o mellor é que non estudemos galego e aceptemos a ortografía castellana, e a morfoloxia castellana, e a fonética castellana, e a sintaxe castellana, e o castellano en xeral. Evidentemente será muito mais sinxelo (1989: 190)

mas, é claro que na óptica de D. Ricardo a posse do próprio idioma merece todo o esforço, um esforço que nom se discute para a aprendizagem de outras línguas. As essências nom devem ser sacrificadas no altar das conveniências mais grosseiras. “O porvir do galego depende hoje em grande parte de que se pense como um foguete que se queima ou como um lume que se cuida” (escreve em “O galego desenfreado”, de 1976). “O galego é um tesouro que nom se pode malversar. A nossa língua deve ser possuída, mais nom violada. O primeiro é amor; o segundo, barbárie” (alerta em “Uso e abuso do galego”, *Grial*, 56, 1977). Som muitos os textos carvalhanos felizes que poderiam ser aduzidos neste sentido. O idioma merece umha atençom primária, por parte das autoridades responsáveis da política lingüística em sentido amplo, e por parte também dos simples utentes, que devem esforçar-se por um uso constantemente melhorado da língua de todos. Ele próprio, com a sua autoexigência, foi um bom exemplo disto. As energias despendidas na atençom a esse bem substancial que é a nossa língua, nom tenhem preço.

A fidelidade aos ideais, a um programa, que no caso de Carvalho nom é discutível, implica nom raro obediência, disciplina, rigor no cumprimento das tarefas encomendadas. Por disciplina D. Ricardo aceita a sugestom de escrever a *Gramática elemental del gallego común*, sem grande contrariedade do ponto de vista das afinidades intelectuais, porque os interesses lingüísticos sempre se encontraram,



se nom no centro, sim na esfera das suas predilecçons. Fernández del Riego, o seu antigo “irmán”, testemunha-o para a etapa do Seminário de Estudos Galegos. A sua *História da literatura* (galega contemporánea) também, nom faltando nunca nela os parágrafos dedicados à língua dos escritores em questom. Carvalho dispom-se a partir da sua *Gramática* (1966), levado por necessidades docentes e investigadoras mas nom só, e nom contrariando o seu íntimo, a criar filologia “lingüística” galega, como já tinha feito com a filologia de tipo “literário”. Umha produçom acorde com a denominaçom da Cátedra, de “lingüística e literatura galega”... Porém, nom se esqueça a tardia incorporaçom do Mestre à Universidade, nem o estado de absoluta precariedade da filologia galega na época. Faltou-lhe tempo e talvez incentivos humanos. Parece que tivo em mente prolongar a sua *História da literatura* até a actualidade, o que nom lhe resultaria mui difícil. É possível que nunca tivesse em mente, em contrapartida, escrever umha história da língua ou umha história da literatura medieval, que completariam insuperavelmente o seu já *opus magnum*. Outras necessidades, outros interesses, nada egoístas em todo o caso, o terám ocupado. Queremos, no entanto, salientar que estava perfeitamente preparado para o fazer, pois eram-lhe familiares os materiais e as metodologias científicas com que contávamos, assim como as bibliografias que se freqüentavam. Há quem pense, nom obstante, que a produçom carvalhana é menor, ou secundária, tanto no campo da literatura medieval como no da lingüística/filologia galega. Nom concordamos com essas apreciaçons. É claro que em Carvalho do ponto de vista cronológico, e acaso estrutural, a criaçom (a poesia, em especial) ocupa o primeiro lugar, seguida da investigaçom literária (já presente em 1931, na sua “Ollada encol da poesía lírica galega contemporánea”; em *Nós*, 87: 52-59), sendo tardias as linhas da lingüística e da literatura medieval; e sendo esta produçom sua quantitativamente menor. Contodo, os seus interesses por estes dous campos eram tamém evidentes, embora o da língua fosse mais permanente, pois manteve-se activo, junto com a criaçom poética, até aos últimos dias.

Permita-se-nos prová-lo com umha pequena amostra objectiva, computando as colaboraçons do autor na revista *Grial*, cujo primeiro número, surgido no centenário de *Cantares Gallegos*, é de Julho-Setembro de 1963, encerrando-se esta primeira série com o nº 100 (Abril-Junho de 1988), 25 anos depois. Apesar da motivaçom por vezes circunstancial de alguns textos (v. gr., as recensons), o levantamento a que procedemos pode dar umha ideia aproximada dos interesses do autor nalguns períodos. Eis uns dados globais:

- Entre o nº 8 (1965) de *Grial* e o nº 59 (1978), aprecia-se umha atençom significativa à temática medieval, literária predominantemente, e mais em concreto trovadoresca⁶. É de notar que estende o seu olhar para além dos convencionais limites do nosso *primeiro lirismo*, e até do *segundo* (o palaciano de Garcia de Resende), visto que constata a ediçom de G. Lanciani do *Auto das regateiras*, de A. Ribeiro Chiado, um epígono de Gil Vicente.
- O interesse polos temas lingüísticos que se patenteia na citada revista, parece situar-se entre o nº 19 (1968) e o 64 (1979), com umha média aproximada de umha obra recenseada cada dous números⁷. E entre os autores visitados por D. Ricardo nom faltam José Luís Pensado, Dámaso Alonso (*Estudios lingüísticos peninsulares*), Aníbal Otero, X. L. Franco Grande, Marcial Valladares... ou Bertil Maler e Ataliba T. de Castillo, com trabalhos especificamente portugueses que D. Ricardo nom ignorou, como era lógico e esperável (mas de facto, na altura, excepcional).

Confrontados estes dados com a atençom consagrada à literatura, excluída a criaçom, achamos aqui umha média que se aproxima muito aos números dedicados à língua⁸, com um comentário ainda revelador: as colaboraçoms de língua, começam 16 números mais tarde que as de literatura, e terminam 22 números antes (por evidentes discrepâncias sobre o idioma, mas nom só, com os homes de Galáxia). Alguns textos som solicitados para números monográficos em homenagem a autores significativos, algum outro orienta-se para aspectos lingüísticos/filológicos apesar do título “literário” (v. gr. a recensom à ediçom de C. Baliñas da obra de Otero Pedrayo, de 1973, por lhe ter aplicado, com efeitos retroactivos, a normativa académica na altura em vigor). Também recensiona algum texto luso-brasileiro, o que é perfeitamente coerente com os postulados de Carvalho, por estarem estas literaturas “sempre vencellada[s] á galega polo idioma”. Rosalia, Castela, Otero Pedrayo, Cunqueiro som os autores galegos mais revisitados por D. Ricardo.

Quebrada a colaboraçom com *Grial*, Carvalho envereda, entre outros meios, por *Agália*, que sai a lume em 1985, e em que participa até ao seu passamento (nº 21, 1990, *post mortem*). O número de textos dedicados à língua e à literatura é aqui similar, o que parece revelador, por a sua opçom nom obedecer agora a quaisquer constrangimentos externos. Mas muitos dos trabalhos de crítica literária (e até algum de criaçom) estám, no entanto, motivados por concretos interesses lingüísticos, ou oferecem amplos excursos nesta direçom.

6 Em total 17 entradas de temática medieval, salvo erro, 13 das quais sobre problemas do nosso trovadorismo. Percentagem: 1,3 por ano, 0,33 por número. Os contributos de Rodrigues Lapa (ed. das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*, *Miscelânea de Língua e Lit. Medieval*, até umha nova ediçom, a 7ª, das *Lições*) som recepcionados com minuciosidade. Diga-se outro tanto a respeito de G. Tavani (*La tradizione manoscritta della lirica gallego-portoghese, ou Poesia del duecento nella Penisola Iberica*), G. Lanciani (ed. de *Fernan Velho*), S. Pellegrini (ed. de *D. Lopo Lians*), F. Toriello (ed. de *Fernando Esquio*), Arlene T. Lesser (sobre a pastorela medieval hispánica). Carvalho informa, discute perspectivas, propom soluçoms. Fora do âmbito poético, dedica atençom à lenda do Graal, ao vocabulário de R. Lorenzo (*Sobre cronologia do vocabulário galego-português*, de que fai umha recensom elogiosíssima), ou a Ferro Couselo, *A vida e fala dos devanceiros I*.

7 Incluído algum título também significativo para o parágrafo anterior, o medieval, contámos, entre artigos, notas e recensoms, 22/24 textos, com umha percentagem de 2'1 por ano, 0,53 por número.

8 Uns 40 textos publicados entre o nº 3 (1964) e o nº 86 (1984), com umha percentagem de 1,95 por ano, e 0,49 por número.



A preocupação por questões respeitantes à língua é, pois, muito significativa, até em termos quantitativos, na obra de Carvalho. Ela atinge duas vertentes dominantes: a descrição histórica ou sincrónica e a perspectiva psicolinguística, sócio-linguística ou político-linguística, própria de quem ama a língua e nom de quem a utiliza como simples objecto para currículo académico. Carvalho, acode com o seu credo original galeguista e nacionalista, esforça-se na educação do povo por meio de inúmeras conferências, artigos de imprensa, apresentações de livros..., atende todos quantos o procuram. Confiava no labor dos docentes, para quebrar a secular incomunicação entre os intelectuais e o povo comum, para, alimentando-se mutuamente, apoiados por umha política linguística adequada e empenhada, deter a castelhanização idiomática que nos cerca. A fidelidade a um modelo de País, a disciplina, a generosidade, levarom-no a tirar tempo da criação que lhe solicitava o seu íntimo para o dedicar à investigação ou à divulgação; a primeira, a criação, di respeito ao home em geral; as segundas atingem ao home galego em particular, cujo conhecimento sobre o próprio País tentou melhorar. A honestidade e a modéstia ainda o conduziram a eliminar o seu nome, empurrando-o para a secundariedade no catálogo de escritores galegos do século. Só “gostando sempre disso” deveras, é que se compreende tal atitude.

Ricardo Carvalho Calero deixou atrás de si umha grande obra, na qual é possível indicar campos preferenciais, mas nom descidas de altura ou quebras de tom significativos. Há quem fale de um “primeiro Carvalho” e de um “segundo Carvalho”, embora o que avulte seja a sua extraordinária coerência; implicitamente também há quem aponte um Carvalho “maior” e um Carvalho “menor”, sendo este o linguista, nomeadamente, e o medievalista. A leitura atenta da sua obra o que mostra em todo o momento é um Carvalho “magnó”, com umha obra magna. Umha obra magna para umha Gallaecia Magna, umha Galiza extensa e intensa, em que se educou e em que acreditava, e por que luitou. Umha obra incontornável para um conhecimento sério do País, intelectualmente sadia, livre mas respeitosa com as discrepâncias, irreprochavelmente formulada, com tonalidades em que se adivinha o poeta, o linguista, o historiador, o jurista. Umha obra já com inequívocos laivos de classicidade.

Carvalho Calero a respeito do Otero Pedrayo de pós-guerra assevera, em 1988: “Evita toda polémica, e assi, neutralizado, obtém, umha vez passados os anos de perseguição, o consenso geral como símbolo patriótico” (*Agália*, 16, 432). Carvalho está-se a converter também em “símbolo patriótico” pós-morte, apesar de nom evitar polémicas, de

nom se deixar silenciar. Justamente por isso, por nom se deixar silenciar, por ter renovado constantemente a reflexom sobre a nossa identidade colectiva, sobre o idioma, principalmente, como expoente e símbolo máximo dela. Assim, da mesma maneira que este Simpósio subtitula Carvalho Calero como “A memoria dun século” podíamos acrescentar, com similar legitimidade, “a memória de um País”, pois ninguém melhor do que ele soubo, desde polo menos os meados do centúria que ora findou, perscrutar nas linhas mestras da Galiza do passado e do presente, com vista a construir a Galiza magna, a grande Galiza do futuro, essa sua/nossa Galiza ideal.

Obrigado pola atençom e parabéns reiterados por este Encontro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blanco, C. (1989): *Conversas con Carballo Calero* (Vigo: Galaxia).

Castelao (1976 [1944]): *Sempre en Galiza* (Madrid: Akal).

Montero Santalha, J.-M. (1993): *Carvalho Calero e a sua obra* (Santiago de Compostela: Laiovento).

Reimunde, R. (1987): "Entrevista com o Professor Dr. Ricardo Carvalho Calero", *O Ensino*, 18-19-20-21-22, Homenagem ao Professor Carvalho Calero: 11-19.

Risco, V. (1976): *Manuel Murguía* (Vigo: Galaxia).

Varela Punhal, R. (2000): "Relaçõs Galiza-Portugal em Castelao", em Rodríguez, J. L. (2000): *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, II: 1007-1004 (Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Universidade de Santiago).

Villar Ponte, A. (1971): *Pensamento e sementeira* (Buenos Aires: Ediciones Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires/Instituto Argentino de Cultura Gallega).